

# Uma conferência para os alunos recém-admitidos na SBPRJ

Sergio Eduardo Nick<sup>1</sup>

---

Boa tarde! Em primeiro lugar, eu gostaria de prestar os meus agradecimentos à Sociedade e ao Instituto, e à pessoa do Ney Marinho, pela honraria de estar aqui apresentando estas ideias que quero compartilhar com vocês hoje. Ademais, é um grande prazer estar na boa companhia do Luiz Paulo Rouanet e do Wilson Amendoeira nesta mesa.

Penso que devo começar falando da IPA e de sua importância como órgão acreditador da Psicanálise e para fazer avançar a Psicanálise. Ela foi fundada por Freud para defender a psicanálise contra os ataques que ele já vislumbrava desde dentro, como a tentativa de Otto Rank (1924/1998), de reduzir toda a gênese das patologias neuróticas ao trauma do nascimento ou a de Gustav Jung (2011) de implementar uma cosmogonia de arquétipos para explicar os funcionamentos psíquicos. Freud pensava o sujeito como único e diverso, com o Inconsciente como uma pedra angular de sua doutrina. Daí decorre uma Psicanálise humanista, com ênfase nas questões do desamparo, da angústia, da incerteza, e da diversidade. Pensar o sujeito, para Freud, é pensar cada um em sua singularidade única. Em sua humanidade.

Para nós, psicanalistas sêniores, se apresenta sempre a tarefa de transmissão da Psicanálise, coisa que a IPA sempre buscou cuidar com o seu tripé da formação psicanalítica: análise pessoal, supervisão e seminários teórico-clínicos.

Os seguidores de Freud foram desenvolvendo vários dos aspectos presentes em sua obra aberta e polissêmica. Questões como a perda, o apego, as relações de objeto, os afetos, a culpa, o remorso, a inveja e o narcisismo receberam inúmeras contribuições ao longo desses mais de 100 anos de existência da Psicanálise.

---

1. Psiquiatra e Psicanalista; Psicanalista de Crianças e Adolescentes – COCAP/IPA; Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ.

Penso que se pode vislumbrar, neste começo de século, ameaças ao Humano. Seja pela hiperconectividade, pelos excessos ou pela busca incessante de ser visto no universo virtual, as pessoas vão transformando o “Penso, logo existo” cartesiano em um “Posto, logo existo” proposto por Paula Sibilía (2018). Elogios pessoais e personalizados são trocados por *likes* anônimos, fruto de algoritmos que unem os iguais, sem muito lugar para a diferença.

A Psicanálise é, portanto, o bastião do Humano. Diferente dos poetas e suas brilhantes construções sobre a alma humana, nós buscamos o humano existente em cada um dos que nos procuram. Vislumbramo-lo na relação com o outro, buscando o que é próprio de cada um, particularmente tentando dar voz e significado àquilo que está oculto, não disponível ao sujeito. Da hermenêutica própria ao fazer psicanalítico, vamos pouco a pouco ensejando os processos de subjetivação que permitam emergir um sujeito mais rico, mais complexo e mais apto para o mundo que o cerca.

Mas como isso foi se dando? Penso que a riqueza do texto freudiano reside tanto em suas enunciações como no seu convite aos desenvolvimentos técnico-teóricos que ele esperava que fossem acontecendo. Eu não tenho dúvidas que cumprimos, ao menos em parte, este papel!

E o que foi que se desenvolveu no campo psicanalítico após mais de 100 anos de sua fundação? Falar dos desenvolvimentos teórico-clínicos na Psicanálise é sempre incorrer no risco de deixar gente importante para trás, mas vamos lá.

Se pensarmos em Abraham (1924/1970), com as fases oral, anal e fálica e em Ferenczi (1932/1995), só recentemente resgatado, mas com suas importantes contribuições ao manejo clínico, dois dos mais brilhantes contemporâneos de Freud, já estaríamos justificando o resumo que tento fazer aqui.

Com o intenso êxodo decorrente das grandes guerras, muitos foram reunir-se em Londres, onde as intensas controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein deram azo a enormes desenvolvimentos. Anna (1946/2001), com seus estudos sobre o ego e os mecanismos de defesa, enquanto Klein (1946/1991a, 1957/1991b, 1930/1996a, 1940/1996b, 1954/1996c, 1932/1997), com suas ideias sobre o ego primitivo, a inveja primária, as posições esquizoparanoide e depressiva, sem contar sua técnica de brincar, deram à psicanálise inglesa um lugar de destaque no mundo psicanalítico.

Winnicott (1971/1975, 1986/1991), com seus conceitos de *holding*, espaço transicional, fase do espelho e sobre o brincar, criou escola própria, pujante até os dias de hoje. Lacan (1964, 1966-67, 1976, 1978-79; Safatle, 2005), “*enfant*

*terrible*” da psicanálise da IPA, inseriu miradas únicas, como o Inconsciente como uma linguagem, a sua tópica sobre o real, o simbólico e o imaginário, e a fase do espelho como fundante de um sujeito alienado de si mesmo. Tentando juntar estes conceitos, René Roussillon (2012a, 2012b, 2013) propôs que se buscasse um resgate do narcisismo primário na clínica psicanalítica como forma de dar ao sujeito um novo sentido em sua análise.

Heinz Kohut (1971, 1990), um austríaco radicado nos Estados Unidos, também fundou escola própria ao estudar o narcisismo e suas formas de tratamento. Os subsequentes estudos sobre as paradas de desenvolvimento levaram os intersubjetivistas a cultivar uma clínica única e com grandes seguidores.

Wilfred Bion (1957, 1958, 1959, 1961, 1965, 1973, 1974) alargou conceitos próprios da psicanálise kleiniana com seus estudos sobre os grupos e seus supostos básicos, sobre as transformações, sua máxima clínica “Sem memória e sem desejo” e o avanço das fronteiras de tratamento, ao propor novas concepções sobre o desenvolvimento emocional que propiciaram o tratamento psicanalítico das psicoses e tantas outras contribuições que ainda hoje ensejam desenvolvimentos clínicos e teóricos.

O egípcio André Green (1988, 1990, 2008), com seus conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte, bem como os seus estudos sobre a mãe morta, foi colega de intensa participação na IPA, sempre pronto ao debate com seus opositores.

E eu, como psicanalista de crianças e adolescentes que sou, não poderia deixar de citar alguns autores, em especial aqueles que terminaram por desembocar na clínica de 0 a 3 anos. Eu começaria com Esther Bick (1964, 1988), que propôs a observação da relação mãe-bebê e lançou o conceito de segunda pele para descrever os fenômenos dessas interações que possibilitam a criação do psiquismo primitivo. Miriam Szejer (1999), que foi umas das pioneiras a conversar com os bebês, e Selma Freiberg (1975), com os seus estudos sobre os fantasmas no berçário, inauguram uma clínica que hoje tem enorme relevância no cuidado à dupla mãe-bebê quando existem transtornos relevantes. Bernard Gölse (2019, 2020), que já esteve conosco várias vezes, tem grande experiência na área, ajudando a desenvolver este campo de trabalho clínico. Serge Lebovici (1996, 1999), com seus estudos sobre a parentalidade, e René Kaës (1997, 2014), com o seu conceito de aparelho psíquico grupal, foram de grande importância para inúmeros psicanalistas, tanto os que trabalham com famílias, como os que foram estudar a transgeracionalidade e a intergeracionalidade. Com esses conceitos, o psicanalista clínico está muito mais atento ao que obstrui o processo

psicanalítico desde uma perspectiva familiar ancestral. Não poderia também deixar de citar um de seus corolários, a psicanálise vincular.

Juntamente com a clínica de 0 a 3 anos, Frances Tustin (1972/1975) e Anne Alvarez (2002) desenvolveram conceitos como as defesas autísticas e a reclamação, de enorme relevância para aqueles que tratam desses pacientes.

E eu poderia seguir infinitamente a listar contribuições, mas encerro este pequeno passeio citando dois casais latino-americanos contemporâneos e um colega de Campinas: o casal Baranger (1961-1962), com os conceitos de campo psicanalítico e de baluarte; e o casal Rocha Barros (1991, 1992, 1999, 2018), que estudou profundamente os processos de produção de representações psíquicas, de símbolos, e sua proposta da *poiesis* como o dispositivo de intervenção ideal na clínica com pacientes com dificuldades de representação. Roosevelt Cassorla (2013), com os seus aportes ao conceito de *enactement*, propôs que às vezes recorremos a atuações como forma de destrinchar óbices ao trabalho clínico.

Outra forma de pensar o psicanalista hoje seria através de sua atuação fora do consultório. Stefano Bolognini (2008, 2009), com o seu célebre quarto eixo da formação psicanalítica, discorreu sobre a importância do trabalho institucional para os candidatos. Seria o lugar do intercâmbio com colegas, com o fazer institucional, como espaço para o crescimento do indivíduo em meio a esses enlaces. Como participante dessas funções desde os meus tempos de formação, creio que desenvolvi não só inúmeras amizades, como me sinto fazendo parte do crescimento da Psicanálise.

Mas eu não poderia deixar de tecer algumas considerações a respeito do trabalho nas comunidades.

Estimulado pela profunda inserção da SBPRJ no terceiro setor, fui desde cedo trabalhar no campo jurídico, onde o psicanalista é chamado a auxiliar os colegas da área jurídica na compreensão dos conflitos que lá aportam. Fiz então uma pós-graduação em Direito Especial da Criança e do Adolescente na UERJ, e minha monografia versou sobre a guarda compartilhada, isto numa época em que mal se falava sobre isso no Brasil. Em termos psicológicos, foi o primeiro trabalho a abordar o tema, que logo depois foi sendo discutido até virar lei. Pouco depois, uma das coordenadoras do curso, com quem fui trabalhando como assistente técnico em casos de disputa de guarda, de abusos psicológicos e sexuais, e de adoção, veio me consultar. Ela estava muito interessada em pensar o cuidado como um conceito jurídico e me convocou a participar do que passou a se chamar Projeto Cuidado. Depois de vários livros publicados, mesas redondas e laudos técnicos, o tema chegou ao STF e virou jurisprudên-

cia! (Nick, 1977, 2011a, 2011b, 2015, 2018, 2021, 2022). O enlace Psicanálise-Jurídico é hoje uma realidade, com importantes aportes dos psicanalistas a este campo.

E foi assim que me senti estimulado a criar, junto com Virginia Ungar, um lugar para o trabalho fora dos consultórios. Foi durante o período prévio à nossa posse como *officers* da IPA que criamos alguns grupos de trabalho para pensar nossa plataforma de trabalho. Um deles foi pensar como inserir o trabalho comunitário como uma área de valor na IPA. E assim criamos uma área específica dentro do organograma da associação, o “IPA nas Comunidades” (IPA, 2021). Ele se dividiu em seis subáreas, englobando a educação, a saúde, a cultura, o jurídico, as ONGs, e temas específicos, como o racismo, as mudanças climáticas, as migrações, incluindo-se aí um grupo que buscava auxiliar os psicanalistas que tivessem que migrar para outra região. Causou-nos surpresa que o tema foi facilmente aprovado no *Board* da IPA, demonstrando como essa nova área estava madura para ser explorada! Houve um claro reconhecimento de que essa seria uma forma de prestigiar os colegas que já trabalhavam nas comunidades, bem como fomentar o intercâmbio de experiências.

Como um meio para conhecer melhor o trabalho nas várias regiões, criamos os prêmios “IPA nas Comunidades”. Como vocês devem saber, é normal haver alguns postulantes a prêmios oferecidos (em média uns três a cinco por área), mas tivemos a inscrição de 126 trabalhos, todos relatando seus projetos, as realizações já alcançadas e os grupos formados. O trabalho nas comunidades já era uma realidade! Penso que demos voz a psicanalistas de todo o mundo, que até então tinham essas atividades como periféricas ao âmbito da IPA!

Conhecemos trabalhos na clínica de 0 a 3 na África do Sul, com grupos de analistas que iam às comunidades em sofrimento e aplicavam as diretrizes clínicas próprias dessa técnica. Trabalhos na área da cultura, como o *Freud's Bar*, onde colegas se reuniam em bares a discutir temas da cultura com um viés psicanalítico. Ou importantes trabalhos em hospitais, como um colega argentino que supervisionava um grupo de atendimento de adolescentes em vias de fazerem cirurgias transgênero. Ou colegas que produziram um livro inter-regional de trabalhos na área jurídica. Enfim, vimos grupos com trabalhos parecidos com o desenvolvido aqui pelo Projeto Travessia, que terminou por ganhar um dos prêmios oferecidos; ou grupos muito empenhados na questão racial e/ou das mudanças climáticas. O leque é amplo, e eu creio que é uma das melhores formas de divulgar a Psicanálise, pois o analista se mostra melhor quando está atuando com a sua escuta, suas intervenções, sua postura.

Para finalizar, gostaria de falar um pouco sobre o nosso trabalho durante a pandemia de Covid-19. Como sabem, a pandemia causou um trauma na maioria dos indivíduos, sendo os psicanalistas um dos grupos afetados. Seja pelo medo da morte, pela incerteza reinante, pelo receio de infectar um ente querido ou pela necessidade de atender num *setting* remoto, fomos instados a nos adaptar a circunstâncias bastante inusitadas.

Como líderes de uma comunidade de psicanalistas ao redor do mundo, tivemos que agir rápido. Nossa primeira medida foi liberar as análises didáticas por via remota. Depois, certos de que o isolamento teria que ser quebrado rapidamente, criamos os *Covid-19 Webinars*<sup>2</sup>. Eram webinários semanais, com temas ligados à pandemia e à nossa prática em tempos de pandemia. Buscávamos ter sempre um colega de cada região e pensar temas a toque de caixa. Penso hoje que foi mesmo uma loucura boa, regada a grandes doses de onipotência e muito trabalho corrido! O resultado foi que atingimos, nos primeiros oito webinários, uma audiência de cerca de 26 mil pessoas, incluindo-se aí psicanalistas, candidatos, profissionais de saúde mental etc. de mais de 80 diferentes países! Se eu lá atrás criticava as mídias criadas na internet, conheci como ela poderia ser usada para unir os psicanalistas e candidatos em torno de temas que os afetavam. Foi um bom esforço, com ótimos resultados!

Creio que hoje, com a guerra na Europa, a IPA vai ter papel relevante na busca da paz, ao aliar-se a organismos que claramente desejam um fim dos conflitos bélicos que tanto mal causam ao ser humano!

Mas então, como podemos então definir o psicanalista de hoje? Penso que seria aquela pessoa plena de humanismo, com uma formação sólida, uma ética que embase o seu fazer psicanalítico e que seja capaz de compreender a complexidade do nosso ofício. Mais além do seu trabalho clínico, ele deve ser capaz de participar de suas comunidades, levando a compreensão psicanalítica para aqueles que não podem aceder aos consultórios de psicanálise.

Ao descrever os inúmeros desenvolvimentos da técnica e da teoria psicanalítica, busquei mostrar como dispomos hoje de uma miríade de pensamentos teóricos a nortear nossa difícil prática. Porém, neste limiar de século, temos também que entender nossa responsabilidade como guardiões do humano.

---

2. Tais como: *Psychanalyse au delà du divan* (30/01/2021), *Loss and mourning in times of COVID-19* (10/07/2020), *COVID 19: Procesamiento de la situación traumática y el aislamiento social* (03/04/2020), *Adolescencia en tiempos de Covid-19* (19/06/2020), *Schooling during Covid lockdown and beyond* (17/07/2020), *Ser padres en tiempos del COVID 19* (05/06/2020).

A nossa imersão na compreensão da formação do psiquismo humano nos abasteceu com importantes dispositivos para acessá-lo onde ele mais se esconde: nos meandros do inconsciente, nos abismos do vazio e na inescapável realidade dos excessos. Cabe a nós a tarefa de promover uma dupla fértil com nossos pacientes para ajudá-los onde eles sofrem, se ocultam ou simplesmente emperram.

A vocês, alunos recém-chegados, as minhas boas-vindas, o meu carinho e o desejo de que vocês possam atravessar a formação com muito estudo e bons desenvolvimentos nas suas capacidades, para se tornarem muito bons clínicos e cidadãos capazes de enfrentar tantos desafios que o mundo nos apresenta!

Muito obrigado!

## Referências

- Abraham, K. (1970). Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 81-160). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924.)
- Alvarez, A. (2002). Entrevista com Anne Alvarez. *Revista de Psicanálise*, 9(1): 147-156, 2002.
- Baranger, M. & Baranger, W. (1961-1962). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1): 3-54.
- Cassorla, R. (2013). Afinal, o que é esse tal enactment?. *Jornal de Psicanálise*, 46(85).
- Bick, E. (1964). Notes on infant observations in psychoanalytic training. *International Journal of Psycho-Analysis*: 45:558-566.
- Bick, E. (1988). A experiência da pele em relações de objeto arcaicos. In E. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje* (vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1957). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38.
- Bion, W. R. (1958). On hallucination. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39(5).
- Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40.
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups*. Londres: Tavistock.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Londres: William Heinemann.
- Bion, W. R. (1973). *Bion's Brazilian Lectures 1*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1974). *Bion's Brazilian Lectures 2*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bolognini, S. (2008). A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41(74): 197-216.

- Bolognini, S. (2009). Algumas ideias a respeito da IPA 100 anos após a sua fundação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4): 147-150.
- Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. EUA: Harvard University Press. (Original publicado em 1932.)
- Freiberg, S.; Adelson, E. & Shapiro, V. (1975). Ghosts in the nursery: a psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 14(3): 387-421.
- Freud, A. (2001). *Le moi et les mécanismes de défense*. Paris: PUF. (Original escrito em 1946.)
- Jung, C. G. (2011). *Obras completas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Golse, B. (2019). O que o bebê transmite aos adultos: o conceito de transmissão psíquica ascendente. *Cadernos de Psicanálise*, 41(41): 11-20.
- Golse, B. (2020). O *sense of being* em relação à criatividade: ser ou existir? *Revista de Psicanálise*, 27(2): 279-290.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Klein, M. (1991a). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos* (vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1946.)
- Klein, M. (1991b). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos* (vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1957.)
- Klein, M. (1996a). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930.)
- Klein, M. (1996b). O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1940.)
- Klein, M. (1996c). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945.)
- Klein, M. (1997). A psicanálise de crianças. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: a psicanálise de crianças* (vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932.)
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. Nova York, EUA: International Universities Press.
- Kohut, H. (1990). *The search for the self: selected writings of Heinz Kohut (1978–1981, vol. 3)*. Connecticut, EUA: International Universities Press.

- Lacan, J. (1964). *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lacan, J. (1966-67). *Seminário 14: la logique du fantasme*. Seminário inédito.
- Lacan, J. (1976). *De la psychosis paranoïca en sus relaciones con la personalidad*. Espanha: Siglo Veintiuno Editores.
- Lacan, J. (1978-79). *Seminário 26: A topologia e o tempo*. Seminário inédito.
- Lebovici, S. (1996). La transmission intergénérationnelle ou quelques considérations sur l'utilité de l'étude de l'arbre de vie dans les consultations thérapeutiques parent/bébé. In M. Dugnat, *Troubles relationnels père/mère/bébé : quels soins ?* (pp. 19-28). Ramonville-Saint-Agne, França: Erès.
- Lebovici, S. & Guedeney, A. (1999). *Intervenções psicoterápicas pais-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nick, S. E. (1977). Guarda compartilhada: um novo enfoque no cuidado aos filhos de pais separados ou divorciados. In V. Barreto (Org.), *A nova família: problemas e perspectivas*. Rio de Janeiro: Renovar.
- Nick, S. E. (2011a). A sustentabilidade do humano – um ensaio. In T. Pereira & G. Oliveira (Orgs.), *Cuidado e responsabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Nick, S. E. (2011b). Prazer e realidade no mundo contemporâneo: a (des)construção do humano. *Revista de Psicanálise*, 18(1): 103-121.
- Nick, S. E. (2015). A alienação parental e a autoalienação parental compreendidas sob o vértice da parentalidade. In R. A. Zagaglia et al. (Org.), *Coleção Direito UERJ 80 Anos: criança e adolescente* (vol. 10). Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Nick, S. E. (2018). Quem ama, cuida! Um olhar sobre o amor e as vicissitudes do cuidado. In T. S. Pereira, G. Oliveira & A. C. M. Coltro (Orgs.), *Cuidado e direito de ser: respeito e compromisso*. Rio de Janeiro: LMJ Mundo Jurídico.
- Nick, S. E. (2021). Vovó, como foi que mamãe nasceu? Vicissitudes transgeracionais nas relações avós-netos. In Pereira et. al., *Avosidade: relação jurídica entre avós e netos - enfoque multidisciplinar*. São Paulo: Foco.
- Nick, S. E. & Cubria, A. C. (2022). Higino repaginado: o cuidado psíquico em Ferenczi, Winnicott e Bion. In T. S. Pereira, G. Oliveira & A. C. M. Coltro (Orgs.), *Cuidado e solidariedade: prática social e institucional*, Indaiatuba, SP: Foco.
- Rank, O. (1998). *Das trauma der Geburt*. Gießen, Alemanha: Psychosocial-Verlag. (Original publicado em 1924.)
- Rocha Barros, E. M. (1991). *A interpretação*. Simpósio sobre comunicação do analista: pressupostos teóricos. São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 1991.
- Rocha Barros, E. M. (1992). A situação analítica. *Ide*, 22: 18-29.
- Rocha Barros, E. M. (1999). O inconsciente e a constituição de significados na vida mental. *Psicologia USP*, 10(1): 97-117. doi: 10.1590/psicosp.v10i1.107967

- Rocha Barros, E. M. & Rocha Barros, E. L. (2018). Symbolism, emotions, and mental growth. In J. Borossa, C. Bronstein & C. Pajaczkowska (Orgs.), *The new Klein-Lacan dialogues* (pp. 235-254). Londres: Routledge.
- Roussillon, R. (2012a). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(2): 271-295.
- Roussillon, R. (2012b). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER – Revista de estudos psicanalíticos*, 30(1): 7-32.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In L. C. Figueiredo, B. B. Saviotto & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 107-122). São Paulo: Escuta.
- Safatle, V. (2005). Espelho sem imagens: mimesis e reconhecimento em Lacan e Adorno. *Trans/Form/Ação*, 28(2): 21-45.
- Sibilia, P. (2018). Você é o que Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. *Intexto*, 42: 214-231.
- Szejer, M. (1999). *Palavras para nascer*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tustin, F. (1975). *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1972.)
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu e V. Nobre, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971.)
- Winnicott, D. W. (1991).  *Holding e interpretação* (S. M. T. M. Barros, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986.)
- IPA. (2021). IPA in the community and the world steering committee. *IPA.world*. Recuperado de [https://www.ipa.world/en/Committees\\_New/IPAINCW\\_STEER/CommitteeMaster?Code=IPAINCW\\_STEER](https://www.ipa.world/en/Committees_New/IPAINCW_STEER/CommitteeMaster?Code=IPAINCW_STEER)

Recebido: 12/10/2022

Aceito: 10/11/2022

---

**Sergio Eduardo Nick**

Sergionick22@gmail.com